

O FLORIANO NOS JOGOS PAN-AMERICANOS DE 1956: A COBERTURA DO JORNAL O 5 DE ABRIL

Cleber C. Prodanov¹

Everaldo Pedrozo de Oliveira²

Resumo: Esse artigo analisa a participação do time de futebol brasileiro nos jogos Pan-Americanos de 1954, realizado na cidade do México. Investiga a constituição do selecionado nacional, que foi montado exclusivamente por jogadores que atuavam em clubes do Estado do Rio Grande do Sul e que acabou sagrando-se bicampeão Pan-Americano. Dentro dessa constituição clubista nos aprofundamos, especialmente no acompanhamento dos dois jogadores do *Esporte Club Floriano* da cidade de Novo Hamburgo, acompanhando a trajetória do selecionado nacional por meio da repercussão ocorrida no jornal local da cidade *O 5 de Abril*, que dedicou uma ampla cobertura aos jogos do selecionado e especialmente aos filhos da terra e atletas do *Floriano* Paulo (Paulinho) e Raul Klein.

Palavras Chave: Futebol, Pan-Americano, Floriano.

Floriano in Pan-American Games since 1956: the coverage of 5 de Abril newspaper

Abstract: This article analyzes the participation of the Brazilian football team in the Pan American Games 1954, held in Mexico City. It investigates the establishment of the national selected one, which was set up exclusively by players who worked in the Rio Grande do Sul state clubs and eventually crowned Pan American two-time champion. Within this club constitution we delve especially in monitoring two players of Sport Club Floriano, located in Novo Hamburgo, following the journey of the national selected one by the impact occurred in the local town newspaper *O 5 de Abril*, which devoted extensive coverage to the games selected and specially to the local children and athletes of Floriano, named Paulo (Paulinho) and Raul Klein.

Keywords: Football, Pan-American, Floriano.

El Floriano y los Juegos Panamericanos de 1956: cobertura del periódico O 5 de Abril

Resumen: En este artículo analiza la participación del equipo de fútbol brasileño en los juegos Panamericanos de 1954, celebrada en la Ciudad de México. Investiga el establecimiento del seleccionado nacional, que fue creado exclusivamente para los clubes y jugadores que estaban activos en el Rio Grande do Sul y que finalmente se coronó campeón Panamericano. Dentro de esta constitución clubista hicimos una atención especial a los dos jugadores del *Esporte Club Floriano* de la ciudad de Novo Hamburgo, y siguiendo la trayectoria del seleccionado nacional por medio del impacto por rebote que se llevó a cabo en el periódico local de la ciudad *O 5 de Abril*, que dedicó una amplia cobertura a los juegos de la selección y especialmente los hijos de la tierra y los atletas *Floriano* Paulo (Paulinho) y Raúl Klein.

Palabras Clave: Fútbol, Panamericano, Floriano.

¹ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo/USP. Professor titular do programa de Processos e Manifestações Culturais e pesquisador da Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: prodanov@feevale.br.

² Graduando em Relações Públicas da Universidade Feevale, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: everaldopedrozo10@gmail.com.

Introdução

Os jogos Pan-Americanos são eventos que reúnem atletas de todo o continente Americano e são realizados de quatro em quatro anos. A ideia para criar tal evento surgiu no ano de 1932, quando representantes esportivos de quase todos os países da América sugeriram criar um evento em que todos os países do continente americano pudessem participar conjuntamente. Nesta época, já existiam os Jogos Centro-Americanos, evento multiesportivo, que teve sua primeira realização no ano de 1926, na Cidade do México.

No ano de 1940, durante o I Congresso Esportivo Pan-Americano, na cidade de Buenos Aires, foi definido o ano e o local da primeira edição dos jogos Pan-Americanos, sendo decidido o ano de 1942 na Argentina. Porém, devido a II Guerra Mundial, o evento foi cancelado e teve também como consequência o cancelamento da Copas do Mundo de Futebol de 1942 e 1946. A primeira edição do Pan-Americano só viria a acontecer no ano de 1951 em Buenos Aires e a primeira edição dos jogos contou com 21 países participantes e 18 modalidades esportivas foram disputadas, inclusive o futebol.

A lista de cidades que sediaram esse evento desde o início começa com Buenos Aires, no ano de 1951, depois passa pela cidade do México, em 1955. Em 1959, os Estados Unidos tiveram sua primeira participação, sediando o na cidade de Chicago. O Brasil aparece quatro anos depois, em 1963, com a cidade de São Paulo e depois o evento vem a ocorrer em Winnipeg, no Canadá, no ano de 1967. Em 1971, foi a vez de Cali, na Colômbia, sediar o evento, seguido pela Cidade do México, mais uma vez, em 1975. Porto Rico participou em 1979, sediando o evento na cidade San Juan. Em 1983, foi a vez de Caracas, na Venezuela, em 1987, a volta aos Estados Unidos em Indianápolis.

Cuba sediaria o Pan na cidade de Havana em 1991, enquanto a Argentina recebeu novamente os jogos em 1995, desta vez na cidade de Mar del Plata. Em 1999, os jogos voltam a Winnipeg do Canadá. Em 2003, pela primeira vez, a República Dominicana aparece na lista, com a cidade de Santo Domingo, e na edição seguinte, em 2007, o Brasil aparece sediando o evento mais uma vez, na cidade do Rio Janeiro e, em 2011, o México oferece a cidade de Guadalajara. A última edição do evento aconteceu em 2015, em Toronto, no Canadá. A próxima edição dos jogos Pan-Americanos está prevista para acontecer em Lima no Peru no ano de 2019.

Esse movimento do esporte não estava descolado da política nem das novas tendências de inserção regional e de protagonismos territoriais.

O espaço entre as esferas privada e pública também foi preenchido pelos esportes. Entre as duas guerras, o esporte como espetáculo de massa foi transformado numa sucessão infindável de contendidas, onde se digladiavam pessoas e times simbolizando Estado-nações, o que hoje faz parte da vida global. Até então, ocasiões como os Jogos Olímpicos e partidas internacionais de futebol interessavam principalmente ao público de classe média (apesar de os Jogos Olímpicos já começarem a assumir ares de competições nacionais mesmo antes de 1914), e as partidas internacionais foram realmente organizadas com o objetivo de integrar os componentes nacionais dos

Estados multinacionais. Eles simbolizavam a unidade desses Estados, assim como a rivalidade amistosa entre suas nações reforçava o sentimento de que todos pertenciam a uma unidade, pela institucionalização de disputas regulares, que proviam uma válvula de escape para as tensões grupais, as quais seriam dissipadas de modo seguro nas simbólicas pseudolutas. (HOBSBAWM, 1998, p 170-171).

O que se veria nos anos pós-guerra seria uma tentativa de afirmação tanto com a realização dos Jogos, fossem eles Olímpicos ou Pan-Americanos, fossem as acirrada disputas nas diversas modalidades, especialmente no futebol, o grande esporte de massa de grande parte do continente latino americano.

A polêmica seleção

A primeira edição do campeonato Pan-Americano de Futebol em 1951, em Buenos Aires teve o Brasil como campeão, com um elenco todo montado por atletas do eixo Rio-São Paulo. O grupo conseguiu o feito de ser campeão invicto logo na primeira edição do torneio, justamente na casa de seu maior rival sul-americano. A campanha contou com quatro vitórias e somente um empate em todos os cinco jogos que participou.

Para a segunda edição dos jogos, ao final do ano de 1955, começaram a surgir problemas para a formação da seleção de futebol. Contrariando a montagem do time do torneio anterior, que era formado apenas por atletas cariocas e paulistas, os clubes cariocas reagiram mal à convocação, pois os dirigentes cariocas não queriam ceder seus atletas, pois estavam envolvidos no 3.º turno do campeonato estadual de 1955.

Os dirigentes paulistas, por sua vez, representariam o Brasil no Campeonato Sul-Americano extra, que foi disputado no Uruguai, em janeiro e fevereiro do ano 1956. Em 2 de dezembro de 1956 a imprensa noticia que o Brasil será representado por uma seleção formada por atletas do Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia, Minas Gerais e Pernambuco.

Em resposta a essa pretensão brasileira de não utilizar um time formado por atletas principais, o México, que havia se comprometido em pagar 35 mil dólares para o Brasil e a Argentina participarem do torneio, ameaça cancelar a competição, diante da possibilidade de os dois países enviarem seleções secundárias.

Embora não existam registros mais precisos sobre essa polêmica situação, iniciou-se, por parte de dirigentes esportivos e imprensa gaúcha, um movimento para aproveitar esse vácuo de disputa e inserir o Rio Grande do Sul no cenário internacional. Assim, por dentro de tudo que acontecia, inicia-se uma grande articulação política do estado junto a CBD, plantando uma ideia totalmente incomum para a época, sugerir que os atletas gaúchos, mesmo não sendo reconhecidos como um centro futebolista de ponta comparado ao eixo Rio-São Paulo, representassem o Brasil no II Pan-Americano de futebol que aconteceria no México (VALLS, 2005).

Diante dessas polêmicas envolvendo calendários e interesses regionais, em 20 de dezembro, o Conselho Técnico de Futebol da CBD reuniu-se e decidiu que Rio Grande do Sul e seus atletas representariam a

seleção brasileira de futebol no segundo Campeonato Pan-Americano, mesmo sob o protesto dos mexicanos que haviam solicitado uma seleção de cariocas e paulistas.

O elenco

A comissão técnica do selecionado brasileiro ao Pan de 56 foi formada em 5 de janeiro a partir do técnico Teté, treinador do Esporte Clube Internacional, seu supervisor era Saturnino Vanzelotti do Grêmio e o médico Derly Monteiro.

A Comissão técnica e Diretoria selecionada que viajaria para o México foi composta pelos profissionais Aneron Correia de Oliveira (chefe da delegação), Saturnino Vanzelotti (subchefe), Miguél Lardiez (superintendente), José Francisco Duarte Júnior, popular Teté (técnico), Dr. Derly Monteiro (médico) e pelos massagistas Luíz Biscardi e José Moura (VALLS, 2005).

O Técnico Teté³ liberou inicialmente uma lista contendo 46 jogadores que foram convocados, dos quais, somente 22 iriam para os Jogos no México. Esses atletas eram de 11 diferentes clubes do Estado.

Dentre os clubes, o Grêmio Esportivo Renner, com 10 atletas, foi aquele que mais jogadores disponibilizou nessa primeira convocação. Em seguida, viria o Grêmio com nove e o Internacional com oito jogadores. Esses clubes da capital foram os que mais cederam jogadores nesse primeiro movimento: o de formar um selecionado gaúcho que estivesse à altura para representar o Brasil em um torneio internacional.

O time do interior que mais cederia jogadores foi o esporte Club Floriano, clube popular da cidade de Novo Hamburgo, que emprestou à lista seis atletas. Depois vieram, de Porto Alegre, o Cruzeiro com 3 jogadores, Nacional e Força e Luz, com dois.

Fechando essa primeira convocação, os demais clubes interioranos, Aimoré e Pelotas, com dois atletas e, por fim, Brasil de Pelotas e Juventude com apenas um jogador. A lista completa foi formada da seguinte forma (VALLS, 2005):

- Grêmio Esportivo Renner: Valdir, Bonzo, Paulistinha, Léo, Odi, Pedrinho II, Breno, Juarez, Ênio Andrade e Joeci. (10 jogadores)
- Grêmio Foot-ball Porto Alegrense: Sérgio, Airton, Figueiró, Calvet, Ênio Rodrigues, Giovani, Juarez, Milton e Hercílio. (nove jogadores)
- Sport Club Internacional: Florindo, Oreco, Odorico, Luizinho, Bodinho, Larry, Jerônimo e Chinesinho. (oito jogadores)
- Esporte Clube Floriano: Paulinho, Bino, Hélio, Heitor, Chagas e Raul. (seis jogadores)

³ “[...] o treinador escolhido para a Seleção foi Teté. Tido como treinador turrão (virtude que lhe fora herdada dos tempos de caserna) e folclórico (já que ele era famoso por lidar com toda a espécie de macumba) sabia como poucos tirar o máximo de seus atletas e trabalhava com um inusitado esquema tático calcado na movimentação dos jogadores de ala, num 4-2-4 que seria futuramente entronizado pelo Brasil na Copa da Suécia”. (TAVARES, 2010).

- Esporte Clube Cruzeiro: Amauri, Bruno e Tesourinha II. (três jogadores)
- Nacional Atlético Clube: Ortunho e Milton. (dois jogadores)
- Grêmio Esportivo Força e Luz: Zacarias e Odilon. (dois jogadores)
- Clube Esportivos Aimoré: Amaro e Kim. (dois jogadores)
- Esporte Clube Pelotas: Joãozinho e Brauner. (dois jogadores)
- Grêmio Esportivo Brasil: Duarte. (um jogador)
- Esporte Clube Juventude: Lori. (um jogador)

O primeiro treino ocorreu nas dependências do estádio olímpico do Grêmio, uma praça esportiva inaugurada no ano de 1954 e que abrigava uma estrutura em condições de oferecer um local moderno e completo para a prática do futebol. Esse primeiro treino contou com a participação de 29 jogadores e um público de aproximadamente cinco mil pessoas acompanharam esse primeiro dia de trabalho esportivo. Entretanto, já no primeiro treino, houve desfalques em relação à lista original de 46 jogadores. As ausências aconteceram por diversas razões por exemplo, os atletas do Floriano realizavam um amistoso no Uruguai e estavam ausentes neste dia.

O andamento dos treinamentos foi definindo os participantes finais entre desfalques nos treinamentos, cortes e contusões. As baixas continuaram ocorrendo ao longo dos dias, Paulistinha, por necessidades em relação ao serviço militar, Calvet por doença, Juarez e Milton, por problemas físicos, Heitor pelo desejo pessoal de encerrar a carreira, e Bino, Sinval, Amaro, Kim e Hélio, por pedidos de dispensa. Nessa onda de saídas, houve em 11 de janeiro a convocação do atleta Sarará do Grêmio para compor a lista final. (FUTEBOL E OUTRAS HISTÓRIAS, 2014).

A lista dos 22 convocados para o torneio foi fechada confirmando um elenco bastante diversificado (VALLS, 2005, p.17-18):

- Grêmio Foot-ball Porto Alegre: Sérgio, Airton, Figueiró, Sarará, Ênio Rodrigues (capitão), Juarez, Milton e Hercílio. (oito jogadores)
- Sport Club Internacional: Florindo, Oreco, Odorico, Luizinho, Bodinho, Larry, Jerônimo e Chinesinho (oito jogadores);
- Grêmio Esportivo Renner: Valdir e Ênio Andrade (dois jogadores);
- Esporte Clube Floriano: Paulinho e Raul (dois jogadores);
- Nacional Atlético Clube: Ortunho (um jogador);
- Grêmio Esportivo Brasil: Duarte (um jogador).

Um fato curioso e pouco conhecido foi que o evento quase não aconteceu nesse ano, devido a uma série de problemas que ocorreram. Tudo começou em agosto de 1955, quando o Uruguai anunciou que não participaria do torneio, pois o México se recusou a aceitar as exigências econômicas impostas por eles. Em dezembro, o Brasil confirmou sua presença, porém, sendo representado por uma seleção formada por atletas do Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia, Minas Gerais e Pernambuco e que mais tarde foram confirmados apenas os atletas do Rio Grande do Sul. E, em seguida, a seleção argentina também confirmou sua presença e assim como o Brasil, seria formada por jogadores de 2.º quadro.

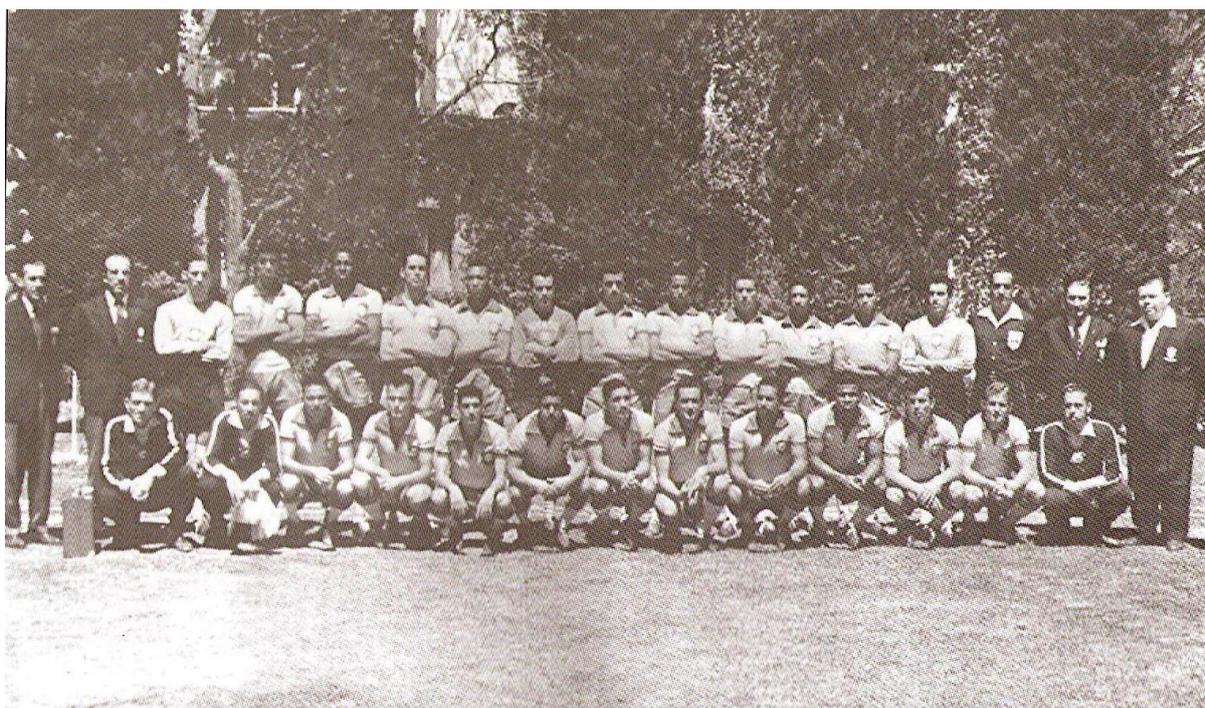
Sabendo disso, o México, que pagaria 35 mil dólares para o Brasil e a Argentina participarem do torneio, ameaçou cancelar o evento se as duas principais equipes não participassem com força máxima. Não cedendo à pressão mexicana, em 26 de dezembro, foi o Brasil que ameaçou não participar do Pan, mas no dia 28, confirmou sua presença com essa equipe.

Já no início de janeiro, a Federação Mexicana pediu desculpas à seleção brasileira, dizendo que tudo não passou de um mal-entendido de comunicação entre os países, pois sabiam que se a seleção brasileira fosse representada por jogadores que jogavam somente no Rio Grande do Sul, com certeza, eles teriam capacidade de participar do torneio. Entretanto, a imprensa mexicana não estava tão satisfeita com esta nova equipe enviada para a cidade. Dias depois, foi publicado, no México, que jogadores cariocas e paulistas representariam, sim, essa seleção “gaúcha”. Porém, tudo não passou de rumores criados pela imprensa local. (FUTEBOL E OUTRAS HISTÓRIAS, 2014).

Nessa fase preparatória, em janeiro e fevereiro de 1956, foi dada uma grande ênfase na preparação física e na montagem de um padrão de jogo. Para tanto, foram realizados três amistosos. Em 26 de janeiro, contra o Aimoré, com uma vitória de 4X1. Em 6 de fevereiro, contra um clube uruguaio Institución Atlética Sud América de Montevideo, vencendo por 4X2, e, por fim, contra o Coritiba Foot Ball Club, finalizando os amistosos com um empate de 2X2. (FUTEBOL E OUTRAS HISTÓRIAS, 2014).

Após essa rápida preparação em Porto Alegre, a seleção partiu para São Paulo, ainda envolta em disputas, desconfianças e controvérsias, sendo a mais importante a tentativa de troca do técnico da seleção antes do embarque.

Figura 1: Delegação brasileira na Cidade do México



Fonte: Valls (2005, p. 135).

Dos 22 selecionados que seguiriam ao México para a disputa desse segundo Pan-Americano, nem todos eram gaúchos, embora atuassem em clubes de futebol no Rio Grande do Sul. Os atletas Larry e Florindo eram de Nova Friburgo/Rio de Janeiro, Juarez de Blumenau, Santa Catarina, Bodinho era pernambucano, do Recife e Jerônimo Carioca, da cidade do Rio de Janeiro, na época Distrito Federal.

Os jogos e a cobertura local

Tão logo a equipe brasileira pousou em solo mexicano, sentiram a grande diferença do ambiente da cidade, especialmente o ar rarefeito, pois a cidade fica à cerca de 2.300 metros acima do nível do mar, o que influi diretamente no movimento de objetos, como a velocidade da bola, a trajetória, além das alterações do metabolismo e, conseqüentemente, na *performance* dos atletas. Os médicos brasileiros ficaram preocupados como os jogadores reagiriam, e alguns ficaram muito surpresos, como o atleta Florindo, que reagiu dizendo “Doutor, eu vou voltar para o Brasil. Não quero morrer aqui no México.” (VALLS, 2005, p. 29-30).

Outro fator que chamou a atenção dos jogadores brasileiros foi a qualidade do gramado do Estádio Universitário, que segundo eles, era muito melhor do que aqueles que os jogadores estavam acostumados a treinar e jogar as partidas no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul. Além disso, o tamanho do estádio e as acomodações chamaram a atenção, especialmente, as arquibancadas, que podiam receber cerca de 80 mil torcedores. No Brasil, nessa mesma época, o único estádio igual ou maior era o Maracanã, no Rio de Janeiro.

Por outro lado, o que chamou a atenção da imprensa internacional, especialmente a mexicana, além dos torcedores mexicanos, foram as caras novas da delegação brasileira daquele ano. Muitos jogadores jamais tinham jogado um torneio da proporção que o Pan-Americano tinha e tampouco eram conhecidos, como acontecia com os jogadores dos grandes clubes do Rio e São Paulo de mais visibilidade, sendo muitos dessas equipes participantes de excursões internacionais com seus clubes. Para muitos admiradores do futebol brasileiro na América Latina, esses atletas representaram uma grande decepção.

No Pan-Americano de 1956, as rádios brasileiras que se habilitaram à cobertura do evento futebolístico foram apenas três: a Rádio Gaúcha, Rádio Farroupilha de Porto Alegre no Rio Grande do Sul e Rádio Bandeirantes de São Paulo. Essa cobertura do rádio não era um trabalho simples e fácil para os profissionais no início dos anos 1950, especialmente em coberturas continentais na América Latina. Os meios e os equipamentos possuíam muitas limitações e constituíam elementos quase que precários de transmissão.

Ao final de cada jogo, os principais lances e comentários eram redigidos e enviados ao Brasil por via aérea juntamente com reportagens especiais e os filmes fotográficos ainda não revelados. O envio ao Brasil e depois a Porto Alegre era uma verdadeira façanha logística em 1956. Da capital para os jornais do interior, outra obra colossal, estima-se que a

chegada do material levava cerca de 5 dias da Cidade do México até Porto Alegre, em média.

A outra forma de envio de notícias para os jornais e veículos locais no Brasil era o telegrama. A vantagem deste tipo de envio era a instantaneidade. Portanto, a velocidade da entrega, mas o custo era muito alto e foi utilizado apenas em casos onde as informações eram de grande importância e que deveriam ser recebidas com urgência.

Dentro desse contexto das dificuldades de atingir o público, torna-se importante para esse trabalho a utilização da imprensa escrita local, no caso de Novo Hamburgo, o semanário *O 5 de Abril*⁴. Esse jornal local de grande importância e circulação na cidade, se torna importantíssimo para entender como a comunidade Hamburguesa depositou sobre o selecionado brasileiro, formado por atletas de equipes gaúchas, uma grande expectativa sobre o seu desempenho. Mais do que isso, pela primeira vez na história também foram convocados dois jogadores do mais antigo e tradicional clube em atividade de Novo Hamburgo, o Floriano⁵ para fazer parte desse seleto grupo de jogadores.

A utilização do jornal como fonte histórica vem sendo discutida desde a década de 1970, portanto, nem sempre foi considerada uma fonte adequada para o trabalho historiográfico. Segundo Capelato (1988, p. 13) “o periódico, antes considerado fonte suspeita e de pouca importância, já é reconhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de uma época”.

Entretanto, o documento histórico oriundo da imprensa não pode ser apenas considerado o reflexo da realidade, mas o lugar onde há a representação do real. Continuando, Capelato (1988, p. 25), afirma que “a produção desse documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas”.

Nesse sentido, trabalhou-se na perspectiva de que os meios de comunicação de massa determinam a construção da realidade dos seus públicos, assim sendo, pode-se inferir, de muitas maneiras, a percepção que a cidade de Novo Hamburgo construiu a respeito dos jogos pan-americanos de 1956 foi muito influenciada pelo *O 5 de Abril*, que incorporou um tom ufanista e ao mesmo tempo procurava afirmar e trabalhar na consolidação

⁴ **O 5 de Abril** foi um jornal brasileiro editado em Novo Hamburgo. Fundado por Hans Behrend, nascido em Berlim, que imigrou para o sul do Brasil em 1880. O jornal teve a participação de Leopoldo Petry, um dos líderes do movimento emancipatório e primeiro Intendente Municipal. O nome do jornal é uma homenagem à data da emancipação de Novo Hamburgo, 5 de abril de 1927, sendo que começou a circular um mês depois, em 6 de maio de 1927. Esse dia da primeira edição do jornal passou a ser comemorado como o dia da imprensa local na cidade de Novo Hamburgo, em reconhecimento público pela sua grande importância na comunidade local. Teve periodicidade semanal, sendo editado em português e durou 35 anos, completando 1.811 edições

⁵ O Floriano, inicialmente chamava-se Sport Club Novo Hamburgo, sendo um clube de futebol sediado na cidade de Novo Hamburgo, no estado do Rio Grande do Sul. Sua trajetória iniciou no dia 1.º de maio de 1911, quando um grupo de funcionários da extinta fábrica de calçados Adams fundou a agremiação. Em 1944, o Sport Club Novo Hamburgo, porém, não resistiu à pressão política do Estado Novo, que obrigou a troca de nomes de clubes, escolas e hospitais. Houve então a transformação para Esporte Clube Floriano. Esse nome permaneceu até 1968, quando retornou à nomenclatura original, apenas com um aportuguesamento de seu nome, passando a chamar-se Esporte Clube Novo Hamburgo.

de uma identidade vitoriosa da equipe gaúcha que representava o Brasil e, especialmente aos atletas locais (PRODANOV; PUHL; KERBER, 2007).

Assim sendo, considera-se o O 5 de Abril como uma fonte histórica, pois,

[...]os jornais constituem-se em verdadeiros arquivos do cotidiano, nos quais podemos acompanhar a memória do dia-a-dia e estabelecer a cronologia dos fatos históricos. Outra é a disposição espacial da informação, que nos permite a inserção do acontecimento histórico dentro de um contexto mais amplo[...] (ESPIG, 1998, p. 274).

Um exemplo da forte integração que O Jornal 5 de Abril possuía na comunidade ficou expressa durante o evento de 1956, ao retratar a insatisfação da população local pela escolha de jogadores da capital em relação aos dos clubes da cidade de Novo Hamburgo, principalmente tratando-se do Floriano. Essa questão pode ser percebida em uma publicação do jornal, no dia do embarque da seleção para o México. O colunista Liomer escreveu em sua coluna o texto “A GRANDE INJUSTIÇA! – O “caso” de Hélio é o “caso” Típico de Pressão!”, onde descreve que o excelente médio florianista foi descartado juntamente com outros atletas para que os jogadores da dupla Gre-Nal tivessem mais espaço.

Pouco a pouco foi feito o necessário peneiramente técnico. Alguns pedidos de dispensa foram aceitos com incrível facilidade pelo técnico, pedidos estes que alegravam o técnico porque assim sobriam mais jogadores da dupla Grenal com os quais tinham pesado compromisso de levar, no mínimo, 7 de cada entidade. (*O 5 DE ABRIL*, 17 fev. 1956, p. 6).

Liomer, um prestigiado colunista, segue o tom ufanista pregado pelo jornal. Este, nascido junto com a emancipação da cidade marcou sua trajetória pelo engrandecimento dos feitos e realizações locais e a construção de uma imagem positiva e desenvolvimentista de Novo Hamburgo.

Ao descrever os atletas locais, Liomer segue o mesmo estilo editorial do jornal, destaca a qualidade dos jogadores, com ênfase em Hélio, que com certeza poderia ser titular da equipe enviada para disputar o Pan-Americano.

Nos diversos coletivos realizados o médio florianista sempre foi figura saliente. Disciplinado, inteligente e clássico Hélio se constituía numa figura imponte de jogador extremamente regular, afeita a qualquer posição de defesa, ao contrário dos outros jogadores, apáticos quando deslocados. [...] Hélio em despontando como um jogador utilíssimo a seleção, entretanto será dispensado, porque assim está escrito... Grande injustiça fizeram a este excelente rapaz. A política dos clubes ainda domina o nosso futebol”. (*O 5 DE ABRIL*, 17 fev. 1956, p. 6).

A comunidade, potencializada pela imprensa local tratou de acompanhar de perto os acontecimentos que iniciaram com a convocação em janeiro de 1956 e se estenderam ao México, onde a cobertura foi potencializada. Além da valorização dos feitos a cada partida, *O 5 de Abril* foi oferecendo espaço cada vez maior e de destaque aos atletas do Floriano.

Os meios de comunicação ao selecionar o que se passa no mundo, o que vai ou não ser notícia, o que vai ser editado com destaque ou sem relevo, estão, na verdade, procedendo à criação do próprio acontecimento. Longe de serem apenas veículos de divulgação, são eles próprios criadores do acontecimento. E, dessa forma, constituem uma memória privilegiada do presente que vai ser objeto de análise do historiador num futuro. Os impressos são, sobretudo, documentos e como tal *monumentos da memória*. (BARBOSA, 1987, p. 87).

A imprensa local, mesmo com todos os atrasos e dificuldades da época relatava cada jogo e novidade que aconteciam na cidade mexicana. E as notícias não poderiam ser melhores, com uma sequência de vitórias, a seleção brasileira encantava os leitores brasileiros e hamburgueses. *O 5 de Abril* retratava assim a cobertura:

“Novo Hamburgo desportivo acompanha vivamente a atuação do Selecionado Gaúcho no Pan-Americano

O selecionado gaúcho que representa o poderio futebolístico da CBD, vem tendo uma atuação bonita no Certame Pan Americano de Futebol. [...] digladiando-se com a representação peruana, tida como uma das mais credenciadas ao título máximo, voltou a triunfar pelo escore de 1 X 0, conservando se líder invicto do certame. (*O 5 DE ABRIL*, 9 mar. 1956, p. 6, grifo do autor).

O crescimento da cobertura local sobre os Jogos Pan-Americanos foi muito impulsionado pelo jornal local, *O 5 de Abril*, que gradativamente, desde a convocação de Raul e Paulinho do Floriano, passaram a dar evidência ao selecionado e a atuação dos dois atletas.

Junto com o rádio, a imprensa escrita ocupava um importante papel na divulgação dos acontecimentos às mais distantes regiões do país. Todavia, sua apresentação física poderia causar surpresa hoje aos menos avisados ou não habituados à pesquisa em tais fontes históricas. Nos grandes jornais praticamente inexistia qualquer inserção colorida e, quando havia, limitava-se geralmente a algum anúncio publicitário. As fotos eram por vezes mal definidas, e possuíam uma posição nitidamente secundária diante do texto, que ocupava a maior parte das páginas[...] (FRAGA, 2009, p. 27).

Os torcedores estavam tão otimistas e gratos por todo o esforço que aquela equipe gaúcha mostrava durante as partidas que mostravam sua gratidão em forma de mensagens inspiradoras para os jogadores continuarem no mesmo ritmo e trazerem a taça para casa, o Rio Grande do Sul. *O 5 de Abril* seguia acompanhando o selecionado e valorizando seus feitos. Assim a edição de 9 de março retratava os jogos.

Os aficionados do futebol desta cidade, que se contam em grande número, vêm acompanhando com inusitado interesse a campanha do selecionado brasileiro, não só por ser constituído de jogadores de nosso estado; mas também por nele figurarem em posição destacada, dois plaiers florianistas, Raul e Paulinho. Pelas brilhantes conquistas frente ao Chile e ao Peru foram endereçadas a delegação da CBD no México, por desportistas novo-hamburgueses, vários telegramas de felicitações e incentivo. (*O 5 DE ABRIL*, 9 mar. 1956, p. 6).

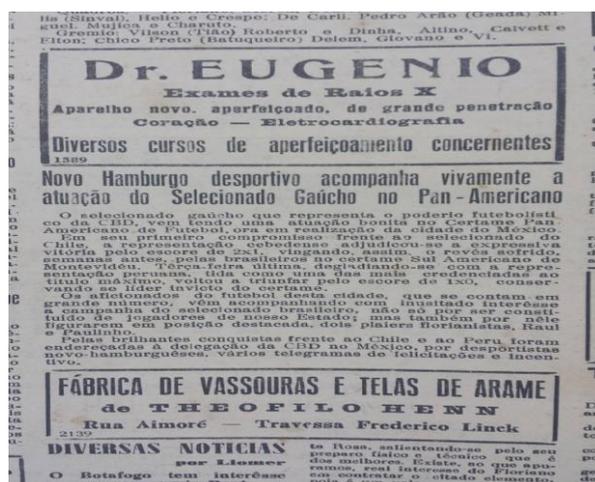
Juntamente com o Brasil, outras cinco seleções completavam o Pan-Americano de Futebol de 1956, eram elas: Argentina, Chile, Costa Rica, México e Peru.

A dinâmica dos jogos seguiu um padrão diferente dos atuais jogos Olímpicos ou mesmo da Copa do Mundo FIFA. Em 1956, os jogos seriam disputados entre todas as equipes jogando entre si, sendo campeã, a equipe que conquistasse mais número de pontos durante todo o campeonato. O evento teve como partida de abertura o México enfrentando a Costa Rica, no dia 26 de fevereiro de 1956, sendo que o fechamento do torneio aconteceu entre a seleção do Brasil e da Argentina em 18 de março.

A partida de estreia da seleção brasileira aconteceu no dia 1.º de março, contra o Chile e o jogo acabou em vitória de 2 x 1 para o Brasil com gols de Luisinho e o florianista Raul, para a seleção brasileira, descontando Jorge Robledo para a seleção chilena.

Tão logo as notícias divulgavam os resultados das partidas brasileiras, cada vez mais chamavam atenção do público gaúcho, ficando satisfeitos com os resultados e aumentando o número de torcedores que acompanhavam e torciam pela vitória desta seleção formada por atletas dos clubes gaúchos. Se ainda existia dúvidas relativa à qualidade do elenco enviado ao México, conforme a seleção jogava, essas eram esquecidas devido às vitórias. Havia o destaque para dois jogadores florianistas: Raul e Paulinho.

Figura 2: Novo Hamburgo desportivo acompanha vivamente a atuação do Selecionado Gaúcho no Pan-Americano.



Fonte: *O 5 de Abril* (9 mar. 1956, p. 6).

O segundo jogo da seleção brasileira foi contra o Peru, com uma vitória magra de 1 x 0, com gol de Larry. Esse jogo foi caracterizado por uma das passagens mais pitorescas de torneios de futebol. Com o jogo em andamento e o Brasil vencendo parcialmente por 1 x 0, o domínio do jogo passou aos peruanos, que pressionavam a equipe do Brasil ao longo de quase todo o segundo tempo. Em um lance de campo foi necessária a entrada do massagista Moura para atender o atleta brasileiro Enio Rodrigues.

O massagista, ao sair de campo, permaneceu próximo à goleira do Brasil quando o atacante peruano Félix Castilho driblou três defensores

brasileiros na área brasileira e já estava diante do goleiro Sérgio pronto para marcar.

Nesse momento, o massagista Moura, da linha de fundo, em um gesto inesperado e repentino, simplesmente lançou sua maleta nas pernas do atacante peruano, que tombou, evitando assim a marcação do gol de empate peruano e dando a vitória ao Brasil. Houve uma série de reclamações dos jogadores e dirigentes do Peru com uma briga, socos, pontapés, interrupção da partida por um grande tempo. Ao final da confusão, Moura foi expulso, mas o fato inusitado tirou o ímpeto da equipe peruana e o 1 x 0 ficou no placar até o final da partida. (VALLS, 2005).

Figura 3: Massagista Moura sendo contido pelo bandeirinha em outro episódio que se envolveu no Pan-Americano, dessa vez contra os mexicanos



Fonte: Valls (2005, p. 80).

O jogo seguinte foi contra a seleção anfitriã, a mexicana. Os brasileiros temiam a pressão local da torcida e o ímpeto dos mexicanos que estavam empolgados com os jogos e acreditavam que sua seleção faria um excelente papel contra os campeões do torneio anterior, especialmente por não estarem representados pelos jogadores mais famosos dos clubes do Rio e de São Paulo. Entretanto, o que se viu em campo ao final do jogo foi a vitória de 2 x 1 para os brasileiros, com gols de Bodinho para a seleção brasileira e Del Aquila para os mexicanos e culminando com um gol contra de Bravo que garantiu a equipe brasileira a vantagem do placar final do jogo.

No dia 13 de março, a seleção jogou contra a Costa Rica, vencendo com um placar bastante amplo de 7 x 1. Os gols foram marcados por Bodinho, Chinesinho e Larry que marcaram três vezes. Pelos costarriquenhos, Cordeiro marcou o gol de honra.

A última partida reuniu as duas equipes que tinham feito as melhores campanhas e o confronto derradeiro se deu contra a rival Argentina. Nesse confronto, ao Brasil bastava um empate para o time brasileiro sagrar-se bicampeão do torneio, pois haviam feito uma melhor campanha que os argentinos.

De todo modo, a decisão foi aguardada com muita tensão pelos brasileiros representados por atletas oriundos dos clubes gaúchos. Pesava sobre eles a responsabilidade de vencer a grande rival Argentina e tentar provar ao país que fora do eixo Rio-São Paulo se praticava um futebol competitivo e que poderia representar o Brasil em torneios internacionais.

Essas questões estavam presentes na equipe brasileira, que entrou em campo com uma dupla responsabilidade: representar o Brasil e também o Rio Grande do Sul. Para a felicidade nacional brasileira, o orgulho gaúcho e a torcida Florianista, a partida terminou em 2 x 2 e os gols foram marcados por Chinesinho e Ênio Andrade para a amarelinha e Yudica e Sivori para os argentinos.

A pressão sobre os atletas brasileiros ainda era forte em 1956, mesmo com a vitória nos jogos Pan-Americanos quatro anos antes. Pairava sobre o Brasil o medo dos resultados negativos de um passado recente. O Chamado fiasco de 1950 na Copa do Mundo e a fraca campanha na Copa de 1954 da Suíça. Como nos lembra Guazzelli, “ Ao drama do *Maracanazo*, seguiu-se o fiasco de 1954, onde foram culpados os jogadores mestiços, julgados incapazes de levar adiante tamanha responsabilidade”. (GUAZZELLI, 2009, p. 3).

A campanha brasileira no México foi de cinco partidas disputadas, com quatro vitórias e somente um empate, na final com grande rival Argentina. A seleção conquistou nove pontos ao total e marcou 14 gols, ficando a classificação do Pan de 1956 desta forma: Brasil, com nove pontos, em segundo, a Argentina, com sete, em terceiro, a Costa Rica, com cinco pontos, em quarto, o México e Peru, empatados com 4 pontos, e em sexto e último lugar, o Chile com apenas um ponto⁶.

O retorno vitorioso

Assim que a equipe campeã pisou em solo brasileiro recebeu diversas homenagens em sua passagem pelo Rio de Janeiro e São Paulo. Todavia, o destaque e a comemoração aconteceram na capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Cerca de 80 mil pessoas receberam a seleção no aeroporto Salgado Filho.

A recepção foi extremamente calorosa, com entrevistas aos principais rádios e jornais do Estado. Em todos os momentos, os jogadores se diziam satisfeitos e muito felizes pelo feito, pois haviam se doado ao máximo em todos os jogos.

Durante a Segunda Guerra, o esquadrão brasileiro só podia medir-se com os vizinhos, onde houve uma nítida desvantagem nestes confrontos, especialmente contra a Argentina, que passava talvez pela sua melhor fase. De toda sorte, na Copa de 1950 que o Brasil se ofereceu para sediar, foi vivida a grande oportunidade de afirmação do país no cenário mundial. Vivendo agora tempos de democracia, a construção do Maracanã, o maior e melhor estádio do mundo, e a organização impecável de um torneio daquele porte, comprovava a vitória do brasileiro mestiço, capaz de ombrear-se com os melhores!

⁶ No Pan-Americano de 1956, diferentemente da pontuação de hoje nos campeonatos FIFA, eram considerados dois pontos por vitória e um por empate.

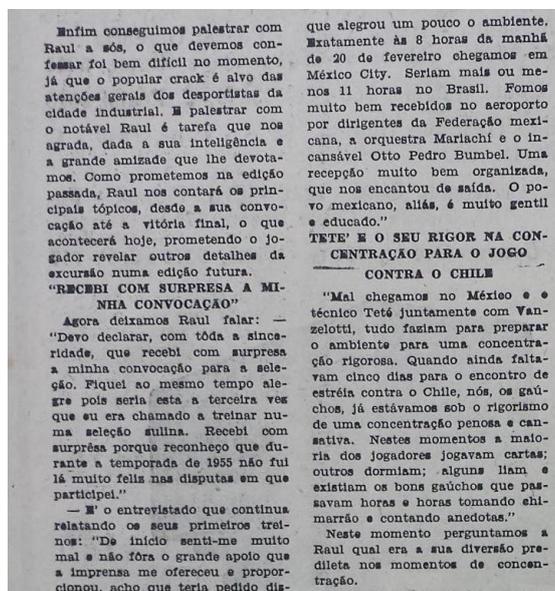
Só faltava a vitória, e esta não veio... E não vindo, ressuscitou os fantasmas do passado: negros e mulatos foram responsabilizados pelo fracasso. (FRAGA, 2009, *apud* GUAZZELLI, 2009, p. 3).

Alguns jogadores comentavam que a concentração nos dias anteriores aos jogos tinha sido muito severa, fora do normal, mas acreditavam que desta maneira foi possível manter o foco e a concentração e que isso havia se tornado um dos motivos que levaram à conquista do Pan-Americano.

O atleta florianista Raul declarou ao jornal *O 5 de Abril* em seu retorno que “[...] mal chegamos no México e o técnico Teté, juntamente com Vanzelotti, tudo faziam para preparar o ambiente para uma concentração rigorosa. Quando ainda faltavam cinco dias para o encontro de estreia com o Chile”. (*O 5 DE ABRIL*, 6 mar. 1956, p. 44).

A entrevista de retorno de Raul Klein ao jornal *O 5 de Abril* descreve mais detalhes da campanha brasileira no México em 1956, com destaque ao atleta florianista.

Figura 4: Entrevista de Raul Klein



Fonte: *O 5 de Abril* (6 mar. 1956, p. 44).

Os familiares, amigos e torcedores que prestigiaram o retorno da seleção “gaúcha” ao Brasil estavam orgulhosos pelo feito que os atletas haviam conquistado. Do outro lado, os jogadores estavam orgulhosos por terem conquistado o título e trazido ao Brasil, mas principalmente, para a região sul, mais especificamente, para a cidade de Novo Hamburgo, como declarou Raul ao *O 5 de Abril*, que o jogo contra o Chile, ele dedicou a Novo Hamburgo.

Figura 5: Manchete Jornal O 5 de Abril

Fonte: *O 5 de Abril* (30 mar. 1956, p. 6).

Prosseguiu o jogador falando de todo o esforço e dedicação que tiveram para “honrar o Brasil” e entrevista concedida ao repórter Limer,

“Fizemos até o Impossível para honrar o Brasil”

Mal os jogadores do selecionado gaúcho pisavam ao solo sulino, já a reportagem do “*Cinquinho*” entrevistava o jogador Raul que se encontrava emocionadíssimo junto a seus familiares. Abordado por nós, ao fazer uma rápida declaração para o povo de Novo Hamburgo, assim se expressou o notável extrema:

- “ O campeonato foi uma coisa empolgante. A sua conquista nos custou esforço, lágrimas e uma dedicação sem limites. Esta oportunidade que tu me ofereces, aproveito única e exclusivamente para saudar o grande povo de minha terra. Aquêlê tento contra o Chile dediquei a minha querida cidade industrial, pois foi na gente de Novo Hamburgo que pensei em seguida ao lance. Estou ansioso para rever os meus amigos...”

Indagado por nós a respeito do adversário mais difícil que enfrentou, disse-nos Raul:

- “Indiscutivelmente o Peru”,

Deixando Raul com seus familiares fomos a procura de Paulinho, que no momento em que procurávamos o entrevistar, recebia os cumprimentos do Prefeito Leonel Brizola. Logo após, instado a se pronunciar, disse Paulinho:

- “ O novo-hamburgês Raul brilhou intensamente. Não tive oportunidade de intervir no certame, mas se isso acontecesse tudo faria para corresponder. Pode tomar nota aqui no seu caderno: nós, no México, fizemos do impossível o possível para poder vencer o certame”.

Devemos confessar que para conseguir essas declarações de Raul e Paulinho dispensamos de um esforço tremendo, já que o Aeroporto Salgado Filho encontrava-se superlotado, todos querendo abraçar os jogadores bi-campeões pan-americanos. ” (*O 5 DE ABRIL*, 30 mar. 1956, p. 6, grifo do autor).

Nesse clima de euforia, aconteceu o retorno dos jogadores brasileiros a Porto Alegre e depois aos seus clubes.

Figura 6: Os jogadores Raul Klein e Paulinho tendo o cantor Pedro Vargas ao centro



Fonte: Valls (2005. p. 115).

Os jogadores do Floriano, Paulinho e Raul se tornaram ídolos em Novo Hamburgo e *O 5 de Abril*, ou carinhosamente chamado “*Cinquinho*”, teve um papel importante no acompanhamento do selecionado brasileiro/gaúcho no Pan de 1956, assim como projetou os jogadores do Floriano para a sua cidade e seu estado.

Considerações finais

Os Jogos Pan-Americanos de 1956 representaram a primeira experiência nacional dos clubes e atletas do Rio Grande do Sul e, felizmente, bem-sucedida. Em um palco esportivo onde o eixo Rio-São Paulo oferecia os grandes atletas, os maiores e mais populares clubes do país eram a grande vitrine internacional do futebol brasileiro, mas a representação gaúcha rompeu em escala internacional pela primeira vez esse protagonismo hermético.

Entretanto, o engajamento da Federação gaúcha e dos clubes de todo o Estado permitiram a formação de um time em condições de representar o Brasil dentro dos padrões de qualidade esperados pelos mexicanos e pelos adversários continentais.

A maior conquista gaúcha, no entanto, viria no Campeonato Pan-Americano de 1956, realizado no México [...]. Na outra edição do Pan-

Americano em 1960, agora na Costa Rica, o Brasil também foi representado por uma Seleção Gaúcha; mesmo não tendo uma campanha tão exitosa, trouxe o consolo de ter vencido a Argentina, uma Seleção que usualmente tinha vantagens dobre o Brasil em torneios continentais. Finalmente, em 1966, durante os preparativos da Seleção Brasileira para a Copa, uma Seleção Gaúcha ganhou a Taça O' Higgins disputada com o Chile em Santiago. De alguma forma, o futebol da periferia se inscrevia numa trajetória de conquistas nacionais. (GUAZZELI. 2005, p. 9).

Juntamente com a dualidade de representar o Brasil, mesmo sob a contestação de alguns segmentos da imprensa nacional e estrangeira, foi somado a inexperiência sulina de representar internacionalmente e de participar mais efetivamente da organização de seleções, enfrentando os desafios internacionais.

Essas questões foram sendo atacadas uma após a outra pelo selecionado brasileiro/gaúcho de uma maneira particular e, ao final do campeonato de 1956, constituíram-se na primeira grande experiência internacional bem-sucedida de representação futebolística “sem a participação” de paulistas e cariocas, abrindo, assim, as portas de um pensamento futebolístico não de inferioridade ou de segunda linha em relação aos grandes clubes e atletas nacionais. A vitória do Brasil, tendo uma representação de uma outra região não central, mas periférica no cenário futebolístico, foi representativa para a autoestima da sociedade gaúcha

Além disso, a participação de atletas de diferentes clubes gaúchos permitiu, internamente no Estado do Rio Grande do Sul, uma visão mais integrada das diferentes forças, mesmo que desde a década de 1940, a dualidade Grêmio e Internacional já demonstrasse o protagonismo que esses clubes teriam nos anos seguintes, e que praticamente monopolizou o esporte regional.

Nesse universo representado pelo selecionado de 1956, destacaram-se os atletas do Esporte Clube Florianópolis de Novo Hamburgo, Paulinho, o terceiro goleiro e o atacante Raul Klein. A passagem desses atletas florianistas pela seleção criou uma atmosfera de otimismo e de projeção da cidade no cenário regional e nacional.

O jornal “O 5 de abril” transitou como mediador entre as ideias de um grupo emancipacionistas e grande parte da população alfabetizada do município, devido tanto a sua hegemonia, quanto pela escolha dos seus redatores. Os colaboradores eram representantes do governo e da comunidade. Os assuntos abordados tratavam de avisos para a comunidade, colunas opinativas e anúncios do comércio local que começara a crescer junto com a cidade, ou seja, todos tinham um motivo para ler o jornal. Como descreve Traquina (2001, p. 29), “as notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia cria o acontecimento”.

O 5 de Abril, desde seu lançamento, procurou legitimar-se como representante da cidade. Para tanto, utilizou-se de diversas estratégias ligadas à prática do jornalismo seja no conteúdo das matérias ou ainda nos recursos gráficos. No próprio título do periódico percebe-se tal intenção. Em

diversas matérias presentes no jornal, também apresentou esta perspectiva de representar e defender Novo Hamburgo.

Reconhecido como “o Cinquinho”, por estar presente nas principais conquistas do município, o jornal era seguidor das normas e pretensões políticas do estado e estava à serviço da comunidade. Nele eram retratados nascimentos, casamentos, roubos, editais e entretenimento. No entanto, na década de 60 o semanário começou a dar sinais de desgaste, entretanto, o compromisso com a comunidade foi cumprido até o seu fechamento.

A carta de despedida foi escrita por Cláudio Behrend, filho de Werner, explicando os motivos pelos quais ele não havia herdado o semanário e agradecendo à população o apoio durante a existência do periódico. Dessa forma, verificou-se que a identidade de Novo Hamburgo apresentava-se como nova no contexto de emancipação da cidade, esta precisou ser construída e legitimada através de uma série de referências que estabeleciam suas características e especificidades. “O 5 de Abril” atuou, também, no estabelecimento destas referências, bem como no da alteridade de Novo Hamburgo, especialmente em relação a São Leopoldo, cidade da qual se emancipou.

E foi dessa mesma forma engajada que esse semanário local acompanhou a trajetória da seleção desde a convocação, passando pelos jogos na Cidade do México, até culminar, quase que apoteoticamente, com o retorno dos atletas ao Rio Grande do Sul.

A cobertura jornalística do *Cinquinho* foi apaixonada e bairrista, mas permitiu a inclusão dessa pauta esportiva com muita força no jornal e pode tornar o futebol, especialmente do Floriano, o assunto da cidade durante várias semanas. O papel do *Cinquinho* foi importantíssimo em uma cidade/região que tinha uma trajetória jornalística própria e que desde 1927, acompanhava os principais fatos de sua comunidade através do jornal *O 5 de Abril*.

Fontes

AQUÊLE tento contra o Chile dediquei a Novo Hamburgo!. *O 5 de Abril*, Novo Hamburgo, RS, 30 mar.1956, p. 6.

ENTREVISTA Raul Klein. *O 5 de Abril*, Novo Hamburgo, RS, 06 mar.1956, p.44.

FIZEMOS até o Impossível para Honrar o Brasil. *O 5 de Abril*, Novo Hamburgo, RS, 30 mar. 1956, p. 6.

FUTEBOL e Outras Histórias. *Campeonato Pan-Americano de 1956 - O Rio Grande do Sul conquista as Américas*. Disponível em: <<http://futeboloutrahistoria.blogspot.com.br/2014/01/campeonato-pan-americano-de-1956-o-rio.html>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

NOS DIVERSOS coletivos realizados [...]. *O 5 de Abril*, Novo Hamburgo, RS, 17 fev. 1956.

NOVO Hamburgo desportivo acompanha vivamente a atuação do Selecionado Gaúcho no Pan-Americano. *O 5 de Abril*, Novo Hamburgo, RS, 09 mar. 1956, p.6.

POUCO a pouco foi feito o necessário peneiramente técnico. [...]. *O 5 de Abril*, Novo Hamburgo, RS, 17 fev. 1956.

TAVARES, Nilo Dias. *A Pátria de Bombachas*, 2010. Disponível em: <http://reliquiasdofutebol.blogspot.com.br/2010_11_14_archive.html> Acesso em 04 set. 2016.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Marialva. Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades. In: Neves, Lúcia; MOREL, Marco (orgs). *História e Imprensa: Homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos Anais Colóquio*. Rio de Janeiro: UERJ/IFCH, 1987.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

ESPIG, Márcia Janete. *O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado*. Estudos Ibero-Americanos, v. 24, n. 2, p. 269-289, 1998

FRAGA, Gerson Wasen. *"A derrota do Jeca" na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *Futebol em tempos de ditadura: o Rio Grande contra o Brasil*. 2009, p.3. Revista de Arte Mídia e política, n. 9. PUCSP.

HOBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

PRODANOV, C. C.; PUHL, P. R. ; KERBER, A. . Jornalismo e identidade: o caso do jornal "O Cindo de abril" em Novo Hamburgo. In: *V Congresso Nacional de História da Mídia*, 2007, São Paulo. V Congresso Nacional de História da Mídia Caderno de Resumos. São Paulo, 2007. p. 48-49.

TRAQUINA, Nelson. *O Estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2001.

VALLS, Eduardo Erdmann. *1956 - Uma epopeia gaúcha no México*. WS Editor, Porto Alegre. 2005.